

Jovair Batista de Jesus*

Luciana Gomes Ribeiro**

Da Dança que se Pensa

Para a dança que se dança

From the Dance that is Thought

To the dance that is dance

RESUMO

Este trabalho apresenta os caminhos da pesquisa de mestrado: Da dança que se pensa para a dança que se dança, realizada no componente de Arte na educação pública municipal de Rio Verde, Goiás. O objetivo geral foi investigar a aproximação dos estudantes matriculados no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce com a dança a partir de uma dimensão estético-sensível e de uma perspectiva crítico-emancipatória. A pesquisa se caracteriza como qualitativa de caráter artístico associada à dança na escola e se configurou como uma pesquisa participante, envolvendo 153 estudantes. A análise diagnóstica identificou os perfis dos estudantes público-alvo e os tipos de experiências que possuíam com a dança e foi construído um mapa das suas experiências e expectativas sobre o assunto. Foram desenvolvidas ações de dança que provocaram uma ampliação da percepção sobre a mesma, a realidade e o mundo. Foram coletados depoimentos das crianças que apresentaram as particularidades das experiências vivenciadas durante o desenvolvimento da proposta. Os registros audiovisuais e os depoimentos orais e escritos foram reunidos em um produto artístico-pedagógico no formato de documentário, intitulado “Dança você faz eu me sentir muito confusa, mas eu adoro você”.

Palavras-chave: Dança; Escola; Dimensão Estético-sensível; Perspectiva Crítico-emancipatória; Dispositivos tecnológicos.

ABSTRACT

The present work aims to present the paths of the master's research entitled: From the dance that is thought to the dance that is danced, carried out in the Art component in municipal public education in Rio Verde, Goiás. The general objective was to investigate ways of approaching the students enrolled in Elementary School II (6th to 9th Year) at Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce with dance from an aesthetic-sensitive dimension and from a critical-emancipatory perspective. Methodologically, the study is characterized as qualitative research of an artistic nature associated with dance at school. The qualitative research was configured as a participatory research, involving 153 students enrolled in Elementary School II. Through a diagnostic analysis, the profiles of the target students of this study and the types of experiences they had with dance were identified, and a map of their experiences and expectations on the subject was created. Based on this mapping, dance actions were planned and developed that led to a broadening of the perspective and perception of reality and the world. Aiming to analyze the children's displacement in relation to dance, statements were collected that presented the particularities of the experiences lived during the development of this pedagogical work. The audiovisual records of the process and the oral and written testimonies were gathered into an artistic-pedagogical product in the format of a documentary, which was entitled “Dance you make me feel very confused, but I love you”.

Keywords: Dance; School; Aesthetic-Sensitive Dimension; Critical-emancipatory perspective; Technological devices.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço que pode e deve possibilitar o acesso e o ensino de dança com qualidade crítica, reflexiva e aprofundada. A Educação em arte/dança propicia o desenvolvimento da consciência transformadora e do potencial crítico dos estudantes, oferecendo-lhes uma possibilidade de liberdade e ampliação da subjetividade por meio do conhecimento. Diante disso, o estudo buscou investigar caminhos de dança em uma relação estético-sensível vivenciada em contexto escolar.

A relevância de se trabalhar a dança na escola articulada a uma dimensão estético-sensível e a uma perspectiva crítico-emancipatória está no desenvolvimento da experiência corporal estética dos estudantes, abrindo caminhos para que sejam protagonistas de seu próprio corpo, de seus movimentos, sentimentos e emoções, da sua própria dança, e conseqüentemente de sua existência.

A pergunta orientadora que direcionou a investigação foi: Como o/a professor/a de arte/dança pode aproximar e/ou transformar as experiências em dança vivenciadas pelos estudantes matriculados no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce em experiências estético-sensíveis emancipadoras e emancipatórias? Identificou-se que a relação estabelecida entre os sujeitos com a dança se dá, na maioria das vezes, de forma imediatista e pautada no contexto cultural primeiro – família, bairro, cidade e grande mídia, limitando as experiências desses sujeitos e reduzindo a compreensão e a possibilidade de vivenciarem a dança em uma perspectiva sensível e emancipatória.

Foi realizada uma proposta pedagógica em arte/dança na Educação Básica intitulada “Da dança que se pensa para a dança que se dança”, que teve como objetivos específicos: possibilitar uma experiência no âmbito do mover-se criativo e poético distinta da condição ordinária, provocando o corpo e o movimento a existirem em outros propósitos que não seja o da funcionalidade utilitária; fomentar experiências do corpo e do mover-se

criativo no processo de construção de conhecimentos sobre a dança na escola; e oportunizar experiências sensoriais, artísticas e corporais para o ensino da arte/dança na escola, provocando as crianças a se reconhecerem como produtoras de sentidos e de realidades por meio da dança.

A investigação se pautou em uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) associada à dança na escola a partir da dimensão estético-sensível e da pedagogia crítico-emancipatória. Uma pesquisa qualitativa participante de caráter artístico, localizada no contexto escolar, abordando a dança por meio das narrativas/depoimentos sobre as experiências dançantes vivenciadas pelas crianças para a construção de um produto-artístico-pedagógico (vídeo documentário).

Destaca-se que este artigo se refere a uma pesquisa realizada dentro do Programa de Mestrado Profissional em Artes - Rede PROFARTES do Instituto Federal de Goiás, campus Aparecida de Goiânia, na linha de pesquisa "Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes". Este foi submetido, apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFG, por meio do projeto CAAE 52932021.8.0000.8082.

1. Categorização da escola e dos sujeitos investigados

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Vale do Rio Doce, localizada no município de Rio Verde-GO, com os estudantes matriculados e assíduos no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), com idade entre 10 e 15 anos.

A referida Escola se situa no meio rural, a 45 quilômetros do município de Rio Verde-GO, localizado no sudeste da região Centro-Oeste, a 220 Km de Goiânia, capital do estado de Goiás. A Instituição oferece: Educação Infantil (4 e 5 anos), Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª série), em parceria com o governo de Goiás. Em 2022, a Unidade Escolar obteve 450 estudantes matriculados, desses, 153 foram envolvidos/as nas atividades da pesquisa. A escolha desse público-alvo

se justifica pelo fato de o professor pesquisador ministrar aulas de arte nas turmas.

A maioria das crianças que estudam na Instituição é composta por filhos de funcionários das granjas que existem na região, que migram do Nordeste para o Centro-Oeste do estado de Goiás em busca de emprego. Nas proximidades, existem os assentamentos Rio Doce e Rioverdinho, e outros pequenos agricultores que vivem na região. Assim, os/as filhos/as e netos/as desses trabalhadores muitas vezes iniciam na Educação Infantil e terminam o Ensino Médio na mesma escola.

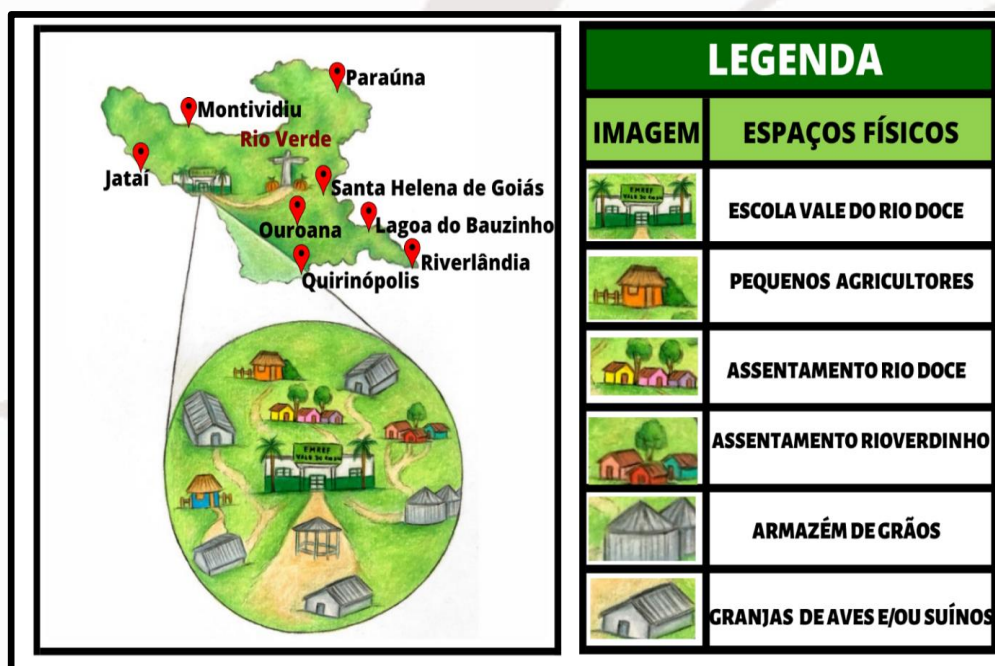


Figura 1 - Mapa da categorização dos espaços físicos nas imediações da escola.

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Os estudantes que estudam na zona rural vão para a escola e retornam para casa no transporte escolar. Muitos precisam pegar um transbordo, ou seja, um transporte extra saindo de suas casas às 4 horas e retornando somente às 16 horas.

Vivendo na zona rural, os estudantes ficam isolados do convívio com o outro, encontrando na tecnologia uma forma de se aproximarem e de se

relacionarem. Apropriando-se desta relação “sujeito x mundo digital”, desenvolveu-se ações de dança associadas à essa realidade das crianças, possibilitando a elas vivenciarem situações inusitadas relacionadas a sua vida cotidiana.

2. O ponto de partida

Embarquei nesta viagem dançante em busca de conhecimento, colocando-me em situação de desafio num processo de qualificação e formação docente no Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES. Nesse itinerário, percorri territórios desconhecidos em busca da sistematização do conhecimento e do reconhecimento e cheguei ao projeto de pesquisa: “Da dança que se pensa para a dança que se dança”. Esse título se relaciona com a vontade de compreender como os estudantes pensam a dança, o que trazem de referência e limitações para ser transformado em uma dança que plenamente se dança.

Tanto o professor quanto os estudantes foram se constituindo e se reconhecendo neste processo. Saviani (2023) explica que o ser humano é um ser racional que se diferencia dos outros animais pela capacidade cognitiva associada ao pensamento, desta forma, ele vai se humanizando de acordo com a interação com o meio social com o qual se relaciona. Assim, à medida que os estudantes iam se constituindo como sujeitos dançantes eu ia me reconhecendo como professor de arte/dança.

3. O caminho de orientação desta viagem dançante

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, e com o consentimento da gestão escolar e dos responsáveis pelas crianças iniciou-se as ações na escola. As produções artístico-pedagógicas tiveram duração de março a junho de 2022.

Ficou definido com as turmas que seria adotado um portfólio/memorial onde pudessem deixar suas impressões em forma de registro, narrativa, texto descritivo, mensagem ou desenho. Discutiu-se sobre a criação de um ambiente virtual para reunir, trocar e publicizar os registros das experiências com a dança - fotos, vídeos, imagens, mensagens etc. Definiu-se por dois canais de interação: um perfil na rede social *Instagram* – Pensedance2022 e um grupo de *WhatsApp* para cada série/turma, que serviu para uma comunicação mais direta e particular com os estudantes e foi usado como suporte pedagógico para as ações desenvolvidas em sala de aula.

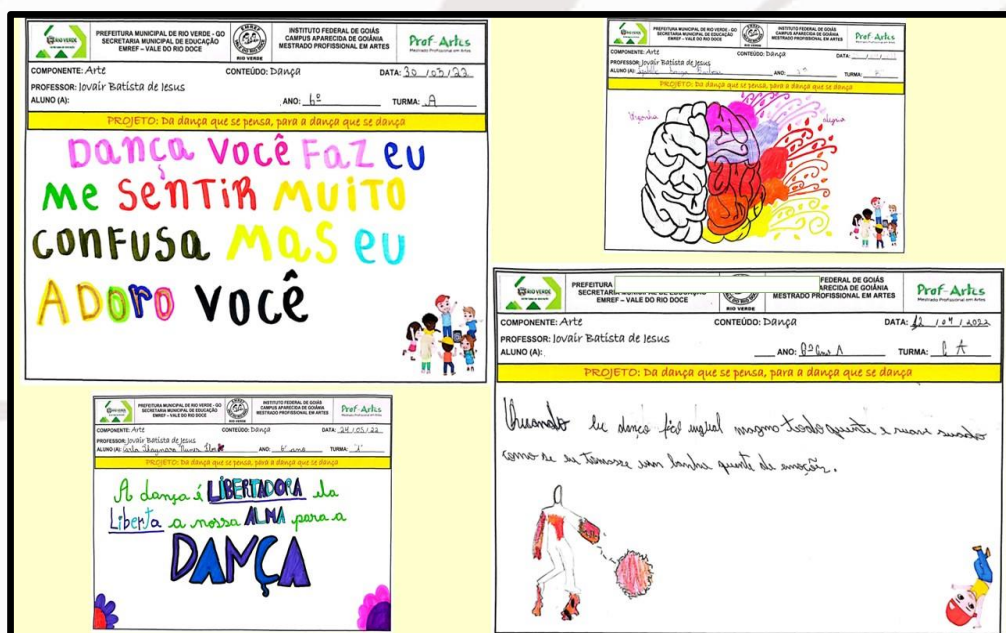


Figura 2 – Recortes de registros/depoimentos retirados dos portfólios/memorial dos estudantes. Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Realizou-se atividades diagnósticas buscando mapear, reconhecer e identificar os perfis desses sujeitos, suas experiências e os tipos de dança com os quais se envolviam cotidianamente. Essa etapa foi feita por meio de um questionário elaborado no *Google Forms*, e também por uma postagem de um vídeo autoral dançando. Com esses dois materiais, constatou-se que as experiências deles/as estavam, em sua maioria, atreladas às danças midiáticas vinculadas ao aplicativo *Tik Tok*. Identificou-se que a coreografia

da música *Desenrola, bate e joga de ladinho* havia se destacado em todas as séries/turmas, então foi utilizado o desfecho da repetição da coreografia para planejar ações artístico-pedagógicas de dança.

Neste sentido, Vieira (2018, p. 162) explica que o processo de ensino e aprendizagem não pode ser restrito à cópia de passos, mas deve propiciar possibilidades de criação, execução, compreensão, apreciação e contextualização do movimento poético para que a dança se constitua em uma área de conhecimento. Diante disso, buscou-se construir propostas artístico-pedagógicas com ações de dança apresentadas na própria coreografia: desenrolar/bater/jogar com o uso do aplicativo *Tik Tok*.

O estudante C.S.S. (9º ano “B”) destacou: “participar do projeto de dança foi uma experiência muito agradável, e de uma dancinha de um aplicativo, de uma rede social a gente transformou em algo muito importante e especial né”. Allemand e Bonfim (2021, p. 11) desenvolveram um trabalho de dança vinculado a esse aplicativo e afirmam:

O trabalho com o Tik Tok é um exercício, uma tentativa de aprender com as danças midiáticas, fazendo uso do dispositivo de forma crítica e tendo em mente nossos objetivos para o ensino da dança na Educação Básica, que vão em busca de proporcionar a investigação e criação de danças e de mundos através da experiência do próprio corpo em movimento.

Trabalhou-se separadamente as ações apresentadas na letra da música: DESENROLAR, BATER e JOGAR, que foram construídas em seis momentos distintos: **experimentação corporal e pesquisa; seleção de movimentos; composições coreográficas; apresentação de coreografias para as séries/turmas; assinaturas; e depoimentos.**

Experimentação corporal: Os estudantes deveriam pensar em novas possibilidades de realização do movimento nas ações de desenrolar, bater e/ou jogar, que seriam desenvolvidas separadamente. Então eles/as foram (re)criando possibilidades de perceber determinados movimentos em seu próprio corpo. Pediu-se que escolhessem três movimentos entre os que haviam construído mentalmente e que caminhassem tranquilamente pela sala e, ao

som de uma música e ao sinal, iriam vivenciar os movimentos escolhidos em seus próprios corpos.

Seleção de movimentos: Os estudantes tiveram a liberdade de discutir e selecionar cinco movimentos que consideraram mais criativos e dinâmicos. Após, deveriam criar nomes identificando esses movimentos para o processo de composição coreográfica. Os resultados foram registrados em seus portfólios, criando uma partitura coreográfica.

Pediu-se ao estudante L.G.S., do 6º ano B, para pensar e apresentar um movimento relacionado à ação de desenrolar o corpo. Ele respondeu: “Nossa, essa é uma das aulas que eu usei mais a mente para pensar”. Ao questionar o estudante P.B.L., da mesma turma: “O que você está achando desta dinâmica?”, este respondeu: “Foi legal, mas pensa demais. Ave Maria”. Percebe-se que nesses momentos, o traço crítico-emancipatório se destaca na estimulação do pensamento reflexivo e no exercício de uma certa liberdade e autonomia do estudante, relacionada às suas experiências com a arte-dança, pautada pela necessidade de se colocarem nas escolhas e variações dos movimentos dançantes.

Composições Coreográficas: Após o mapeamento dos movimentos, sugeriu-se que criassem um exercício coreográfico com os movimentos selecionados. Ao final de cada ação (desenrolar, bater e jogar), ter-se-ia uma coreografia pequena e inédita em cada série/turma. Então, foi pedido que unificassem as três coreografias formando apenas uma única. A estudante G.X.S., do 9º Ano “B”, afirmou: “participar deste projeto de dança é muito bom, quando eu comecei estava um pouco envergonhada, mais foi passando, a gente foi aprendendo mais e mais, nós mesmos fizemos a coreografia, dançamos e divertimos bastante, é muito bom estar aqui”.

Essas experiências foram deixando o corpo um pouco mais aberto para eles explorarem outras coisas. Dançar descolado de qualquer estilo fechado de dança gera outras experiências e sensações. Assim, o mais importante foi a trajetória deles na construção de seus próprios movimentos e das suas trajetórias composicionais. Os estudantes agiram afastados da ação

de uma simples cópia e mais soltos diante do desafio de se expressarem em movimento, e também mais desprendidos da mera execução e mais atentos para o campo da pesquisa e da criação poética.

Os resultados das criações artístico-pedagógicas de cada série/turma foram completamente diferentes, porque trouxeram em suas composições as particularidades e as escolhas do grupo, caracterizando algo inédito e autoral. Os estudantes puderam ensaiar suas produções e seus corpos estavam mais abertos, aprimorando seus movimentos com mais autonomia e subjetividade. O estudante F.G.C.G., do 9º ano “B” colocou: “as aulas de dança me deixou mais livre e solto, tipo aprendi que não posso me prender muito as coisas, que tenho que me libertar mais, ser mais solto para muitas outras coisas para além da dança”.

Apresentação de coreografias para as séries/turmas: Houve o convite para os estudantes apresentarem suas criações para as outras séries/turmas envolvidas no projeto. No dia 18 de julho de 2022, reuniu-se os estudantes dos 8º e 9º anos, turmas “A e B” do turno matutino, e do turno vespertino os/as dos 6º e 7º anos, turmas “A e B”, para a apresentação de suas composições coreográficas. Essas trocas despertaram/acionaram novas formas de refletir e pensar suas composições. Nesse processo, percebeu-se que os estudantes se desafiaram mais uma vez, transformando seus medos e suas vergonhas de dançar na frente dos outros em prazer de dançar com e para os outros. Conforme a aluna E.R.S., do 6º ano “B”:

No projeto de dança eu me senti muito livre, é muito divertido, apesar de eu ter errado alguns passos deu um trabalho para fazer, mas foi muito bom. E eu quero outra dança se o professor quiser eu topo. Lá na hora das apresentações de dança eu estava com o coração na boca, tipo dá muito frio, dá um gelo mais foi muito bom.

Assinaturas: Outra sugestão foi que os estudantes gravassem individualmente um vídeo dançando. Neste registro, ficariam à vontade para apresentar a sua dança após a participação nas ações de dança desenvolvidas na escola. A ação foi chamada de assinatura justamente por

demonstrar a subjetividade dos estudantes ao expressarem seus movimentos em sua própria dança. Um momento quase que de retorno àquela primeira proposta de apresentarem um vídeo autoral do que dançavam. Agora não o que dançavam, mas, após o processo, se apresentarem como dança, com capacidade e bagagem experiencial para isso.

Percebeu-se que a maioria dos estudantes conseguiu apresentar movimentos inéditos e autorais, outros exteriorizaram movimentos parecidos aos do *TikTok*, mas mesmo eles (re)criaram os movimentos, incorporando sua própria subjetividade. Segundo Canda e Almeida (2018, p. 80), o envolvimento dos sujeitos com atividades artísticas desenvolve diferentes formas de ver, perceber e agir no mundo:

Entendemos que a arte é leitura de mundo e instiga a criação/recriação contínua de novas formas de ver e entender a vida em sociedade, dilatando os campos de percepção para além dos hábitos e costumes cotidianos. Neste contexto, a arte se destaca, também, como um tipo de atividade humana que é provocada e provoca a criação, a comunicação e a expressão, que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre os sujeitos, mediados por diferentes linguagens.

Os seres humanos, ao se envolverem com atividades artísticas, e aqui em destaque a dança, têm a capacidade de ampliar seus repertórios de conhecimentos, apresentando caminhos capazes de levar ao desconhecido, ao encontro do sujeito consigo mesmo, estabelecendo situações que ainda não foram vivenciadas e experimentadas por ele, como mostra o depoimento de L.B.C.S., do 6º ano “B”: “quando estou dançando, me sinto outra pessoa, me sinto alegre diferente de tudo, nem sei explicar muito bem como eu me sinto, só sei que adoro dançar e me sentir diferente”. Explica o estudante R.G.O.M., do 7º Ano “A”: “existem coisas que eu só sinto dançando”. Já o estudante H.S.C., do 6º ano “A”, relata:

Queria dizer o que eu sinto quando eu danço, com essas coisas que tem a arte da dança. Eu sinto bastante felicidade, me sinto livre como se eu fosse outra pessoa e tivesse em outro universo. Antes disso eu era tanto vergonhoso pois eu danço e faço qualquer

coisinha para ficar feliz porque a dança é uma das coisas que eu mais gosto.

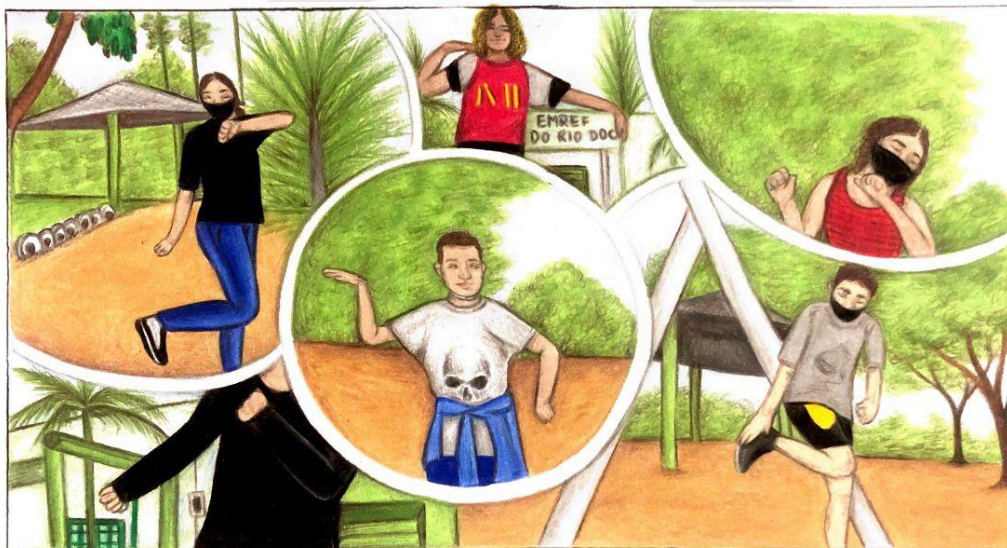


Figura 3 – Assinatura: movimentações livres desvinculadas de modelos pré-formatados.
Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

As impressões deixadas nos depoimentos permitiram identificar os deslocamentos dos estudantes de uma dança que se pensa, de um lugar condicionado, dado e/ou pré-formatado, para uma dança que se dança, pautada na dilatação dos sentidos, no autoconhecimento e na desautomatização de um processo pré-estabelecido.

Depoimentos: Essa ação foi marcada pelas narrativas e impressões dos estudantes, que expuseram seus envolvimento, suas reflexões e reverberações vivenciadas nesta viagem dançante. Foi possível selecionar narrativas que propiciaram a construção artístico-pedagógica de um vídeo documentário que se configura como produto final da proposta.

Esse exercício foi realizado entre os dias 25 e 29 de junho de 2022, no quiosque, um dos nossos laboratórios de dança. Disponibilizou-se uma cadeira e uma mesa com um suporte de celular “ring light” para que os estudantes pudessem realizar os seus próprios registros/depoimentos individualmente.

Esse procedimento foi marcado pela entrega dos relatos das experiências dos estudantes nas aulas de dança na escola. Alguns depoimentos demonstram a importância de um trabalho consistente de dança para o deslocamento e a dilatação dos sentidos desses sujeitos em uma dimensão estético-sensível. Sobre experiência estética, Porpino (2018, p. 86) explica:

A experiência estética é marcada pela transversalidade entre o sujeito e o objeto, o material e o incorporal, o antes e o depois; não é possível pensá-la como interioridade e exterioridade, mas como uma situação complexa dada imediatamente por uma espécie de “contaminação afetiva”, um arrebatamento capaz de levar o ser humano a territórios ainda não percorridos, de torná-lo instantaneamente diferente do momento anterior.

Os estudantes foram se (re)conhecendo, minimamente, como sujeitos autônomos, criativos, críticos e participantes, pertencentes ao meio com o qual se relacionam, como demonstra o depoimento do estudante K.V.S.S., matriculado no 9º ano “A”:

Eu participei do projeto de dança, e no começo eu era muito envergonhado para dançar e não aceitava a dançar mesmo que me forçassem. No começo todo mundo estava com vergonha, parecia estar preso em um quadrado né! Ai a vergonha foi se quebrando, eu me esforcei de mais para quebrar esta vergonha e não ficar preso. Ai me libertei até de mais, me sinto mais leve e mais dedicado agora, ser liberto deste quadrado foi um sucesso pra mim. Várias pessoas gostaram da dança. Agradeço muito por ter participado e não quero que o projeto acabe e que continue um pouco para frente. Quando eu comecei eu nem sabia dançar, ai comecei a desenvolver i utilizar o cérebro para pensar mesmo em dança. Isso foi o que marcou, a liberdade né!

Este processo possibilitou a desautomatização, provocando e descondicionando esses estudantes, transformando sua vergonha/timidez em convite e prazer de dançar, como relata o N.I.C.K., matriculado no 7º ano “B”:

“na dança eu sinto muitas coisas: vergonha, felicidade. É, foi até legal, experimentei novas coisas, nunca tinha dançado, tinha vergonha e medo. Agora eu não tenho mais, agora tenho prazer de dançar e vontade”.

Nessa perspectiva, Porpino (2018) entende a dança como uma vivência estética que proporciona a criação de novas formas de compreender o mundo. Ela não deve ser automatizada, uma mera repetição de movimentos sem significado ou emoções. Precisa ser um exercício que promove um atravessamento que transborda as dimensões socioculturais. Não tem a ver com a funcionalidade, mas sim com um exercício estético que permite ir se distanciando das concepções construídas e constituídas nas relações socioculturais para um movimento de enfrentamento e desestabilização que os/as coloca em outra perspectiva de olhar e estar no mundo.

4. Dispositivos tecnológicos que potencializaram o fazer artístico/pedagógico/criativo de dança na escola

A dança hoje se integrou também aos ambientes digitais. Em todos os lugares e plataformas virtuais é possível visualizar performances de dança. A *internet* ampliou o alcance dos conteúdos produzidos para um nível global, superando as barreiras geográficas e culturais. Nesse contexto, as crianças chegam à escola repletas de experiências midiáticas e uma educação emancipatória é aquela que reconhece e respeita o contexto do estudante, pautando e valorizando seus saberes, vivências, experiências. Para alcançar o estudante é necessário que a escola se aproprie desta realidade para desenvolver atividades dinâmicas/criativas que favoreçam seu processo de ensino e aprendizado. Assim, o/a professor/a de dança pode adotar as mídias digitais para ampliar os repertórios de dança.

4.1 WhatsApp como recurso metodológico

Os grupos de *WhatsApp* serviram como um recurso pedagógico para aproximar os estudantes das discussões associadas aos processos criativos de suas próprias danças. Ali eles/as podiam trocar experiências, apresentar

sugestões, (re)criar situações, postar vídeos, fotos e imagens de suas criações. A troca era muito mais imediata, próxima e intensa.

Com o *WhatsApp* foi possível desenvolver atividades diagnósticas com compartilhamento de vídeos curtos de momentos de dança vivenciados no dia a dia e postagem de *links* para preenchimento de formulário no *Google Forms* para mapear os tipos de experiência dançantes desses sujeitos. As atividades de dança propostas alcançaram uma interação que ultrapassou os limites da sala de aula com a utilização do *WhatsApp*. Isso evidenciou o potencial desse recurso como ferramenta pedagógica para estimular a aproximação e a participação nos processos criativos, especialmente com a dança.

4.2 Tik Tok – o reconhecimento das experiências e os envolvimento com a dança

Identificou-se que as crianças se envolveram principalmente com as danças midiáticas vinculadas ao aplicativo *Tik Tok* e que a coreografia da letra da música “desenrola, bate e joga de ladinho” se destacou em todas as séries e turmas. Essa descoberta foi apropriada no planejamento das ações dançantes, aproveitando para se compreender como esse aplicativo poderia auxiliar no processo criativo de dança na escola. Assim, o *TikTok* ganhou um lugar de destaque na elaboração das ações artístico-pedagógicas de dança no contexto escolar, mesmo inicialmente não estando previsto como um dos recursos midiáticos a serem utilizados no projeto.

4.3 Perfil do Instagram – @Pensedance2022

No escopo desta proposta estava prevista a utilização de uma ferramenta digital para registrar as ações desenvolvidas. O *Instagram* foi a rede social sugerida pelas crianças para a execução dessa etapa.



Figura 4 – Desenho do perfil do Instagram @Pensedance2022.
Fonte: elaborada pelo autor (2024).

A criação do perfil @pensedance2022¹ aconteceu no mês de março do corrente ano, mobilizada pela potência do diálogo com os estudantes, que indicaram a rede social como a melhor forma de acesso ao conteúdo do projeto. O objetivo foi criar um ambiente onde todos/as pudessem ir alocando as suas trajetórias e as suas criações com a dança. O destaque foi para a ampliação em relação ao alcance e interação dos sujeitos da comunidade escolar, envolvendo professores/as de outros componentes curriculares e funcionários/as administrativos/as, coordenadores, gestores, profissionais de apoio, a tia da cantina e a da limpeza, etc. As interações sociais no perfil @pensedance2022 ampliaram tanto o contexto pedagógico que conseguiram envolver inclusive os familiares com as produções artístico-pedagógicas.

¹ Link para o perfil @Pensedance2022:
<https://www.instagram.com/pensedance2022?igsh=ZHA5ZDB3MXF4NW9y>

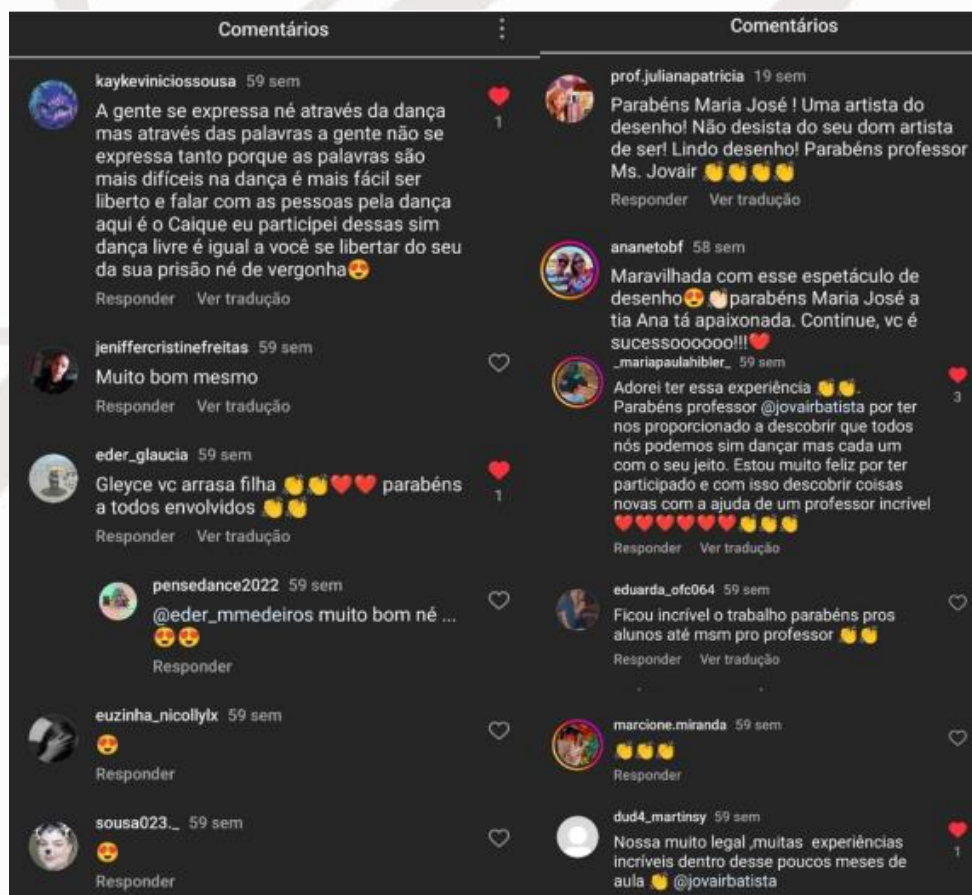


Figura 5 – Recortes das interações dos estudantes, funcionários da escola e familiares dos estudantes no perfil do Instagram - @Pensedance2022.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

As ações do projeto ganharam visibilidade com as interações sociais, pois o *Instagram* é um ambiente que possibilita o encontro com o outro distante de mim, ampliando as possibilidades de diálogo e as interações. As curtidas e os comentários positivos incentivaram os estudantes a explorarem suas possibilidades de dançar. Além disso, a ferramenta de comentários possibilitou que cada comentário fosse curtido e respondido individualmente para ampliação do diálogo. Assim, os registros ganharam novo contorno, nova visualidade, tornando conhecido e interativo o que estava sendo ensinado e como foi ensinado.

5. Desdobramentos e reverberações observadas no processo criativo de dança na escola

No decorrer do processo criativo com a arte/dança, observou-se/vivenciou-se alguns acontecimentos que se destacaram por se constituírem como aspectos afirmadores de deslocamentos de uma dança que se pensa, aqui entendida como aquela que se tinha/tem afirmada no pensamento/postura, advinda de uma conformação sociocultural primeira, para uma dança que se dança, que ultrapassa, mesmo que minimamente, o aspecto imediato, instituído, conformado, dado.

Ao iniciar as ações de dança na escola, ocorreu uma situação muito desconfortante. No desenvolvimento do trabalho pedagógico de criação em dança, houve uma interrupção advinda da coordenação pedagógica em relação ao volume do som, que estaria alto e atrapalhando. A repreensão manifestada fez com que professor e estudantes migrassem para ambientes externos à sala de aula. Como existe uma área verde muito extensa, não se demorou para encontrar a primeira parada: o pé de manga! Embaixo da sombra de uma mangueira desenvolveu-se as primeiras ações de dança.

Freire (2019), em “À sombra desta mangueira”, reconhece que a sombra da mangueira pode ser o lugar propício para estabelecer o conhecimento, pois a tranquilidade e o frescor desse ambiente podem facilitar a reflexão, a assimilação dos conteúdos e, conseqüentemente, a transform(AÇÃO). Neste sentido, o ato de ensinar não pode ficar limitado aos espaços escolares tradicionais e aos conteúdos, mas deve incluir o processo de conscientização, da ousadia, do desapego, da pesquisa, da reflexão e do desenvolvimento da curiosidade epistemológica.

Assim houve o desbravamento de novos lugares, dançando no estacionamento, embaixo dos pergolados, no quiosque abandonado, na sombra ao lado da escola. O surpreendente foi perceber como qualquer sombra poderia se tornar sala de aula, um espaço cênico de dança. Então, a sala de aula formal foi abandonada e todas as ações de dança foram

desenvolvidas externamente, com isso, os estudantes puderam ter uma nova visualidade, corporalidade e experiência com o ambiente com o qual se relacionam rotineiramente, espaços que serviam como passeios afoitos ou somente de passagem mesmo se tornaram laboratórios de dança.

A descoberta e a ocupação de novos espaços potencializaram os processos criativos de dança na escola, pois eles serviram de inspiração para os sujeitos, proporcionando o inusitado, a ousadia, a tranquilidade, a leveza diante do imposto e uma sensação de liberdade. Neste exercício, Porpino (2018, p. 64) apresenta a dança como forma de vivência estética:

A experiência estética do dançar vem nos trazer este passeio por um mundo infundável de criação que é o corpo, por este ser humano transbordante de mundo neste mundo transbordante de corpos, que simultaneamente sentem, pensam, imbricam-se e movem-se na música como se fossem ela própria. [...] Uma vivência embriagante, na qual os muitos corpos dialogam, trocam sentidos, permitem-se levar pela dança do outro, criando seu próprio dançar.

A interação dos estudantes com os diferentes ambientes ampliou suas condições imaginativas de fazer e pensar a dança, ou seja, ao transformar e ressignificar os espaços, os estudantes mudaram suas percepções, transformando a si mesmos. Isso fez com que se sentissem pertencentes ao meio no qual estavam inseridos, tornando-se mais seguros, ativos, criativos e inovadores. Sobre isso, Figueiredo (2010, p. 151) afirma que “o corpo se desenvolve justamente nesta relação de co-dependência com o ambiente. Ambos se contaminam, se modificam, adquirem alguma forma de registro e se configuram a cada momento”.

Propiciar atividades artísticas em ambientes diversificados ampliou as possibilidades de criação e composição na dança, gerando novas perspectivas de pensamento e ação, aumentando a autoestima e a autoconfiança dos estudantes na escola. Esses envolvimento e os múltiplos olhares associados às experiências de dança na escola confirmou que “a educação tem muito a acertar e propor a potencialização dos sentidos

fornecendo experiências capazes de conduzir à transcendência dos problemas e das limitações da vida” (Fiamoncini, 2003, p. 69).

Para Duarte Júnior (2012, p. 66), “a arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir”. Por isso, a arte é entendida como um elemento da vida, pois contribui para que o ser humano possa descobrir a si mesmo, expressando seus sentimentos e suas emoções de forma inventiva e celebrativa, sendo considerada como um fim em si, que desperta novas experimentações e experiências, conduzindo-nos à descoberta de diferentes maneiras e possibilidades de ser e de existir no mundo.



Figura 6 – Exploração de espaços naturais como palcos de dança.
Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Reitera-se a importância de se trabalhar a arte/dança na escola de forma poética, buscando despertar nos estudantes novas possibilidades de viver e de atuar no mundo como dança, haja vista que quanto mais diversificada for a interação com as atividades artístico-pedagógicas na escola, mais familiaridade com as experiências estéticas de ser movimento os sujeitos vão adquirindo, ampliando seus olhares para vivenciarem situações inusitadas em seu próprio corpo e no meio com o qual estão envolvidos.

Por meio das ações artístico-pedagógicas desenvolvidas com os estudantes, a dança foi se conformando como uma atividade envolvente, ou seja, à medida que eram vivenciadas as criações, estas contagiavam as pessoas que por ali passavam. Ao assistirem os processos criativos dos estudantes, os sujeitos se sentiam convidados às danças, mesmo que esse convite não acontecesse diretamente, mas, pelo encantamento dos corpos em movimento. De repente estavam lá: motoristas, estudantes de outras modalidades de ensino, professores/as de outros componentes, profissionais de apoio etc., lançando-se ao mundo da dança.



Figura 7 – Funcionários da escola sendo contagiados para dançar ao assistirem os processos criativos dos estudantes
Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Sobre perceber todo esse processo, a estudante G.C.S., do 9º ano “B”, relatou: “Esta experiência sobre a dança que teve aqui na escola, é inesquecível, nem tenho palavras para descrever. Este projeto me marcou e vai marcar muitas pessoas nesta escola, até os funcionários estavam participando foi muito bom”.

[...] ao sermos afetados pelo ambiente geramos emoções, pensamentos, comportamentos, sentimentos e ações que por sua vez provocarão transformação no próprio ambiente. Este aspecto é primordial para sustentar a proposição aqui presente de que cada dança ao oferecer um pensamento sobre o corpo e à cerca

da organização do espaço cênico, atinge o ambiente de quem compartilha da sua experiência. A dança afeta nossa maneira de pensar, agir e sentir o mundo, e, mais ainda, os significados gerados na dança e através dela se disseminarão dependendo do ambiente onde ela acontece e das redes relacionais que atinge (Figueiredo, 2010, p. 155).

Outro aspecto importante foi observar o interesse dos estudantes do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) em participar das trajetórias dançantes estabelecidas com os estudantes público-alvo da pesquisa. As crianças menores, ao observarem seus/suas irmãos/ãs, matriculados/as nos anos finais, participando das atividades artísticas com a dança, explicitavam curiosidade e interesse em participar do projeto. Diante disso, mostra-se significativo aproveitar os efeitos desta contaminação.

A dança na escola pode desenvolver e ampliar a experiência corporal estética dos estudantes, abrindo caminhos para que sejam protagonistas de seu próprio corpo, de seus movimentos, de sua dança e de sua existência. A dança quando entendida como arte, linguagem e conhecimento tem o potencial de abrir canais para a expressividade no universo da fruição e do fazer arte (Marques, 2011).

Salienta-se que quanto mais tem-se contato com a arte, mais propícios estamos a criá-la e a vivenciá-la, sendo assim, a dança na escola, quando trabalhada com qualidade, pode instigar os sujeitos para o mundo, proporcionando o autoconhecimento e a capacidade de se expressarem criativamente, reconhecendo a sua própria dança.

As ações de dança proporcionaram muitos encontros e reconhecimentos de afinidades dos estudantes com outras manifestações artísticas. Assim a arte precisa valorizar as bagagens/experiências trazidas dos estudantes, levando isso em consideração no fazer pedagógico, propondo experiências que levem os sujeitos a se reconhecerem como produtores de sentidos, interagindo com o mundo e com o outro, aprendendo com suas próprias vivências e/ou experiências. Segundo Silva e Honorato (2023, p. 168):

[...] é na experiência no/com o mundo que o ser humano, por meio de seus sentidos, o reconhece ao seu redor e reconhece a si mesmo. Esse reconhecimento se dá por meio do juízo reflexivo com base em suas atitudes que acontecem por conta de saberes que ele vai adquirindo durante sua vida.

Ao falar sobre arte e experiência, reporto-me ao caso de M.J.S.B., do 8º ano “A”, menina tímida, recém-chegada do Maranhão para a escola. Ao aderir ao projeto, observou-se que a timidez bloqueava suas reações e seus movimentos, ela se sentia desconfortável nas aulas de dança. Em uma conversa particular, ela confessou que não se sentia confortável dançando. Respeitando seus limites e conhecendo sua afinidade com o desenho, foi proposto que ela se relacionasse com a sua dança por meio da produção de um desenho. A garota abriu um sorriso de canto de orelhas e balançou a cabeça em uma atitude de aceitação.

É possível afirmar que o trabalho/experiência em dança pode ampliar a percepção do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo, neste sentido, destaco o depoimento de M.J.S.B.: “apesar de não participar muito das aulas práticas de dança, aprendi muito, pois assumi o papel de ilustrar, e foi uma experiência muito boa, porque pude ampliar minhas habilidades para o desenho. Foi bem legal”. A arte alarga os horizontes, ampliando o repertório de conhecimentos, trazendo novas perspectivas por meio da composição da expressão de sentimentos e da dilatação de sentidos. Barbosa (2012, p. 74) afirma que “a Arte é o meio de expressão através do qual os organismos sociais se manifestam”.

As interações sociais e o envolvimento com o outro por meio das atividades artístico-pedagógicas com a dança na escola criam relações que se materializam no corpo, no movimento, na postura das crianças, proporcionando liberdade e o seu (re)conhecimento. Nesse viés, K.H.S.S, estudante do 6º ano “B”, relata: “no começo eu não dançava, estava meio envergonhado, mas eu consegui me superar e consegui dançar. Com o tempo percebi que eu podia dançar, só que eu estou ainda com um pouco de medo. Então é isso, adoro dançar!”. Dessa forma, Strazzacappa (2020, p. 59)

explica que “ao interpretar e ao dançar, ao se reconectar consigo próprio por meio da arte, ao se apropriar de seu corpo é que o indivíduo se torna consciente, potente e criativo”.

Percebeu-se que a timidez dificulta o trabalho criativo proposto com dança, de modo que essas crianças se retraem ao serem convidadas para experimentar seus corpos em movimento criativo. Por isso, cabe ao/a professor/a de arte/dança incentivar esses sujeitos a reconhecerem as barreiras da timidez, envolvendo-os em dinâmicas pedagógicas expressivas e acolhedoras que movimentem cada corpo, despertando a sua sensibilidade, provocando-os a se reconhecerem como produtores de sentidos e de realidades próprias na dança.

Destaca-se a experiência de C. S. A., estudante matriculado no 7º ano “A”, o qual chegou ao projeto completamente fechado e retraído. Sua timidez dominava todas as ações manifestadas em seu corpo. Na apresentação do projeto, o estudante se recusou a participar e não assinou as documentações referentes aos termos de consentimento e assentimento, optando por realizar atividades teóricas de dança na sala de aula, uma vez que o tema proposto está associado aos conteúdos previstos na matriz de habilidades oficiais da rede municipal de ensino de Rio Verde Goiás, sendo indispensável a participação teórica e/ou prática de todos os estudantes.

Entretanto, ao realizar a primeira ação de dança nesta série/turma, C. S. A. acabou acompanhando a turma, mesmo negando sua participação no ato da entrega dos termos. No desenvolvimento de uma dinâmica de pesquisa corporal e reconhecimento de movimentos e, na orientação aos estudantes sobre os processos artísticos, ele estava interagindo com a atividade proposta. No final da aula, em uma conversa particular, foi questionado em como havia se sentido na aula. Com uma voz baixinha, abafada por trás da máscara, respondeu: “Foi boa, mas tenho muita vergonha de dançar”. Nesse momento, sua iniciativa foi exaltada, bem como sua participação, sua coragem, risco, e envolvimento com as dinâmicas da dança. Ele sorriu,

reconsiderando seu não envolvimento e pedindo os termos para que pudessem ser assinados e ele aderisse definitivamente ao projeto.

Na aula seguinte, ele estava criando seus movimentos, trocando ideias com os colegas, sugerindo novas possibilidades de realização de um determinado movimento. C. S. A. tinha outra postura, de tímido e retraído passou a ser comunicativo e carismático, ao chegar nas aulas, cumprimentava com abraços, muitas vezes trazia bombons, pirulitos e chicletes. Mesmo com dificuldade em realizar os movimentos, nunca deixou de participar de uma atividade, demonstrando uma grande mudança de comportamento. Pontes (2015), fazendo uso do pensamento de Dewey, afirma que a Arte/Educação desenvolve a dimensão estética sensível que promove o encontro entre os seres humanos.

[...] O sujeito da experiência estética mobiliza-se organicamente para produzir sentidos por meio da percepção. A disposição à receptividade que marca a concepção de percepção estética de Dewey requer o envolvimento corporal com a matéria numa interação em que sofrer e agir sobre as coisas do mundo se integram produzindo sentidos (Pontes, 2015, p. 208).

Em seu depoimento, ele diz: “quando começou eu não queria participar, mas fui..., me senti um pouquinho feliz porque eu gostei de dançar, movimenteí uns passinhos. eu ia fazer uns passinhos aqui, mais estou com vergonha, eu gosto disso, gosto muito de dança, sinto um pouco de vergonha mais tá bom, é assim mesmo!” Apesar da vergonha, o estudante expôs que sentia vontade de dançar ali, naquele exato momento. Essa situação foi muito significativa, visto que C.S.A. inicialmente não aderiu à proposta dançante e naquele momento manifestou desejo de dançar.

Esta situação reafirma a importância de se trabalhar a dança na escola como área de conhecimento e como um processo de escuta dos estudantes, ou seja, por meio das dinâmicas dançantes elas/eles vão ganhando vozes e se (re)conhecendo como sujeitos pertencentes ao meio com o qual se relacionam.

6. Produto artístico-pedagógico: um vídeo documentário a la Eduardo Coutinho

Eduardo de Oliveira Coutinho foi um cineasta e jornalista brasileiro, considerado por muitos como o maior documentarista da história do cinema do Brasil. Sua marca era realizar filmes que privilegiavam as histórias de pessoas comuns, registrando os relatos de seus personagens por meio de entrevistas, sem se distanciar da cena, prática comum de documentaristas. Faleceu em 2014, aos 80 anos.

Observou-se que os depoimentos dos estudantes eram narrativas muito cruas e espontâneas que nos convidam a entrar nesse processo pedagógico, na investigação de uma dança que se pensa para uma dança que se dança. Assim, surgiu a ideia de criar um produto artístico a partir de uma aproximação e ousada referência ao cineasta documentarista Eduardo Coutinho.

O volume de registros audiovisuais, orais, escritos e imagéticos produzidos e coletados durante a pesquisa permitiu a produção do videodocumentário² intitulado: *Dança, você faz eu me sentir muito confusa, mas eu adoro você*, que apresenta o percurso e as provocações artísticas vivenciadas no decorrer do processo criativo com a dança na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental “Vale do Rio Doce”. Esse produto artístico-pedagógico buscou explicitar o processo por meio das narrativas: visuais – desenhos; textuais – frases; e orais - depoimentos. O objetivo foi apresentar e afirmar os sujeitos dessa realidade com suas sensações, particularidades, transformações e deslocamentos.

O título veio do relato da aluna G.E.F.M., matriculada no 6º ano “A”. Essa reflexão se mostrou interessante, pois a dança quando vivenciada em uma dimensão estético-sensível desperta nas pessoas sensações difíceis de serem relatadas, muitas vezes estranhas, contraditórias e diferentes do que

² Link de acesso ao Videodocumentário - https://www.youtube.com/watch?v=A_qf1UCA5WM&t=17s

está posto e indicado a se sentir e fazer, impulsionando-as para esse tão buscado universo da arte. Espera-se que a explicitação dessa experiência com a dança em contexto escolar possa incentivar outros profissionais da área da dança, da arte, da educação e afins a refletirem sobre a importância da dança na escola para a produção de conhecimentos, para o exercício estético-sensível e a formação da autonomia dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações da proposta pedagógica foram realizadas com o intuito de tirar os estudantes de um campo imediato e limitado, para um estado de ampliação dos sentidos, sendo que os registros e as narrativas desse processo se afirmam no documentário. O envolvimento com as atividades artísticas relacionadas à dança foi efetivado nas experiências dos sujeitos narradas ao longo do projeto e presentes no produto artístico-pedagógico, onde as sensações e vivências ganharam sentidos em palavras, relatos, desenhos e ações. A vivência da dança desautomatizada proporcionou esse deslocamento de um lugar condicionante para um lugar intrigante e de atenção. Segundo Fiamoncini (2003), a arte tem valor incontestável na escola que busca o desenvolvimento do potencial de sentir, expressar e criar do ser humano, pois a arte e a estética proporcionam uma forma de agir, expressar, sentir e perceber diferente, preparando o sujeito para o diverso, o imprevisível e a mudança.

Este projeto ressaltou que a arte/dança na educação pública exerce um papel transformador na vida dos sujeitos, provocando um deslocamento, estimulando a imaginação, permitindo a descoberta de novas possibilidades de vivência no próprio corpo e no mundo. Assim, a escola pode ser entendida como um local latente de promoção do desenvolvimento da consciência transformadora e do potencial crítico dos estudantes, oferecendo-lhes uma possibilidade de ampliação de olhares, atitudes e formas de viver.

A arte/dança nos provoca uma situação de vivência de sensações e sentidos diversos, por isso não pode ser considerada como um meio para outra finalidade que não seja ela mesma, ou seja, a dança como produção de existências ao convidar para uma experiência por si só. Não é um meio para um fim fechado e pré-estabelecido, mas um meio que desperta novas construções de sentimentos e sensações, conduzindo os sujeitos à descoberta de diferentes maneiras e possibilidades de ser e de existir no mundo como dança, como movimento, no mover-se. Quanto mais diversificada for a interação com as atividades artístico-pedagógicas na escola, mais familiaridade com as experiências estéticas os sujeitos vão adquirindo, ampliando seus olhares para experienciar situações inusitadas em seu próprio corpo e no meio com o qual estão envolvidos.

Reforça-se aqui a importância de o/a professor/a de arte/dança trabalhar essa manifestação artística como área de conhecimento, adotando metodologias envolventes, formando sujeitos críticos, reflexivos e aptos para a vida em um mundo que está em constante transformação. Partindo desse (re)conhecimento, esse/a profissional deve ter a iniciativa de ampliar os repertórios de seus estudantes levando em consideração suas bagagens e experiências de vida e potencializando os processos criativos/artísticos/pedagógicos de dança na escola, acessando o máximo de produções do amplo universo da dança. Assim, a criatividade que começa a ser desenvolvida na sala de aula se potencializa, alcançando a vida fora da escola.

Nesse trabalho, todo o processo pedagógico foi construído e desenvolvido admitindo as limitações, as contradições e a complexidade da realidade postas e do tempo da ação, enfrentando e problematizando as possibilidades de ação efetiva da dança dentro de uma escola rural, no interior do estado de Goiás, buscando provocar e identificar experiências estéticas em condições concretas. Um trabalho que traz micro deslocamentos, tanto dos estudantes, quanto do professor e da comunidade escolar. É uma dança que provoca, convida, incomoda, desconforta e evoca o prazer de

existir, resistir, insistir no que é possível e real como devir, e ainda assim, e por incrível que pareça, está por vir.

REFERÊNCIAS

ALLEMAND, Débora Souto; BONFIM, Larissa. Diálogos entre Dança na Escola e dança no TikTok: Propostas no ensino remoto. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-30, 2021. DOI: 10.5965/141457310241_2021e0112. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/20480>>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

CANDA, Cilene Nascimento; ALMEIDA, Verônica Domingues. Arte e saberes sensíveis na formação e prática da docência. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFP**, Teresina, Ano 23, n. 39, p. 71 – 90, mai./ago. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/prof-/Downloads/7965-29133-1-PB.pdf>>. Acesso em: 09 de jan. de 2023.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 22. ed. (Coleção Ágere). Campinas, SP: Papirus, 2012.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2018.

FIAMONCINI, Luciana. **Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 6, p. 59–72, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fe/article/view/16055/9839>>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

FIGUEIREDO, Valeska. A construção de significação na dança. **Revista Poiésis**, São Paulo, v. 11, n. 15, p. 147-159, jul. de 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/26957/15662>>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

FREIRE, Ana Maria de Araújo (Org.). **Paulo Freire: À sombra desta mangueira**. 12. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. Reflexões sobre a experiência estética na educação. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 2, p. 203 – 212, ago. 2015.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/56448/34865>.
Acesso em: 03 de jan. de 2023.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é Educação: Interfaces entre corporeidade e estética.** Natal, RN: EDUFRN, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

SILVA, Alex Sander da; HONORATO, Aurélia Regina de Souza. Notas sobre experiência estética na formação em artes como espaço possível. **Poiésis**, Tubarão/SC, v. 15, n. 27, p. 166 – 178, jan. / jun. de 2021. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/8121>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

STRAZZACAPPA, Márcia. Um, dois, três e já! A importância das artes cênicas na formação humana. In: CRUZ, G.; FERNANDES, C.; FONTOURA, S. (orgs.) **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas.** Editora De Petrus. E-Book Kindle, 2020.

VIEIRA, Marcílio de Souza. Tessituras da dança: o seu fazer artístico, o seu viver, o seu ensinar e aprender. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 35, n. 35, p. 143–170, 2018. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/494>. Acesso em: 12 fev. 2023.

***Jovair Batista de Jesus** é Mestre em Artes (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Rede PROFARTES). Licenciado em Artes (Centro Universitário ETEP) e Licenciado em Educação Física (UNIRV). Professor efetivo da Rede Municipal de Educação de Rio Verde - GO. E-mail: prof-jovair@hotmail.com.

****Luciana Gomes Ribeiro** é Doutora em História (UFG). Mestre em Pedagogia do Movimento/Educação Física (UNICAMP). Docente Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/IFG, Campus Aparecida de Goiânia Artes. E-mail: luciana.ribeiro2@ifg.edu.br.

Recebido em 19 de maio de 2024

Aprovado em 17 de setembro de 2024
